Autor-etnógrafo: a ficcionalização de um assassinato em Diorama, escrito por Carol Bensimon.

*Autor-etnógrafo: la ficcionalización de un asesinato en Diorama, escrito
por Carol Bensimon.*

Ma. Juliana Curvo Pires & Dr. Clark Mangabeira¹

Resumo

O presente artigo pretende usar dos conceitos da antropologia para pensar os limites entre ficção, realidade e autoficção (ou o quanto do autor é entregue em cada obra) na análise do romance *Diorama* escrito por Carol Bensimon, publicado no Brasil em 2022. A antropologia, ou a epistemologia antropológica, serve de método para o artigo porque é perceptível aproximações entre a escrita etnográfica e a criação literária. Inclusive é com a noção de cruzamento entre literatura e antropologia que se inicia o artigo. Pautado então nos conceitos de etnografia propõe-se a análise de um texto literário e suas implicações sociais e políticas

Palavras-Chave: etnografia; romance contemporâneo; autoficcionalidade, bissexualidade.

Resumen

Este artículo pretende utilizar conceptos de antropología para pensar los límites entre ficción, realidad y autoficción (o cuánto de autor se da en cada obra) en el análisis de la novela *Diorama* escrita por Carol Bensimon, publicada en Brasil en 2022. La antropología, o epistemología antropológica, sirve como método para el artículo porque se notan similitudes entre la escritura etnográfica y la creación literaria. De hecho, es con la noción de intersección entre literatura y antropología que comienza el artículo. A partir de los conceptos de la etnografía se propone el análisis de un texto literario y sus implicaciones sociales y políticas.

Palabras claves: romance contemporáneo; autoficción, bissexualidad..

1. Introdução

Pensar o cruzamento entre literatura e antropologia é um trabalho amplo e vultuosamente pesquisado nas universidades. Logo, as questões afunilam-se em objetos mais possíveis, como este: análise literária de um romance contemporâneo. O presente resumo expandido pretende, desta forma, usar dos conceitos da antropologia para pensar os limites entre ficção, realidade e autoficção na análise do romance *Diorma*, escrito por Carol Bensimon, publicado no Brasil em 2022. Para tanto, cabe destacar que a antropologia, ou a epistemologia antropológica, passou por um processo de reflexão e precisou se rever, repensar o trabalho do antropólogo, principalmente quando faz uso da etnografia, e este olhar para si influi no que se tornou, na contemporaneidade, a escrita antropológica.

Interessante é pensar que o método primordial da antropologia, o trabalho etnográfico, seria um método do espelho: o discurso científico que nasce no encontro. E para a criação literária teríamos a invenção e a memória – e como aponta o escritor português Gonçalo M. Tavares, a imaginação e a memória possuem suas próprias metodologias. Como a literatura

¹ (“Mestra em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; jcurvo@gmail.com & Doutor em Antropologia; Departamento de Antropologia; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; clarkufmt@gmail.com”).

chegou a buscar objetividade pode passar pela tentativa de uma produção científica mais impessoal, com estudos a serem considerados parte de uma ciência efetiva, contudo este não é o aspecto a ser mais trabalhado neste artigo, posto que faremos aqui uma análise antropológica do texto literário, ou seja, a literatura como objeto antropológico. Tratando a autora como uma espécie de etnógrafa que narra a sua percepção de um país, por meio da ficcionalização de um crime ocorrido no Rio Grande do Sul.

O trato etnográfico apresenta-se com a observação participante e a narrativa. Além disso, ao adentrar na análise do livro escrito por Carol Bensimon duas outras questões são reveladas: os traços de autoficinalidade e a maneira como a autora aborda a bissexualidade, chegando-se à hipótese de pensar a obra de Bensimon como uma etnografia da bissexualidade feminina na sociedade contemporânea.

2. Diorama em uma possibilidade analítica

Diorama é o mais recente romance publicado pela escritora brasileira Carol Bensimon, que ganhou o jabuti de melhor romance por *O Clube dos jardineiros de fumaça*, de 2017. Em Diorama, Carol ficcionalizou um crime ocorrido no Rio Grande do Sul nos anos 90. Um dos pontos principais para a ficcionalização está na construção da personagem protagonista, Cecília, que se muda para os Estados Unidos, afastando-se geográfica e ideologicamente da família brasileira e tornando-se taxidermista especializada na criação de Dioramas, que segundo o dicionário seria um quadro iluminado superiormente por luz móvel, recriando uma ilusão com a presença de um animal morto.

Diorama é narrado na primeira pessoa, com Cecília na condução, em uma narração autodiegética. Uma protagonista que se mudou para outro país, usa outra língua, outros hábitos, mas mantém o sobrenome e fala com a mãe e irmãos de quando em vez pelo aparelho celular. A relação de Cecília com o pai é conturbada, afinal ele seria um personagem inspirado no caso real de José Antonio Daudt, deputado e radialista gaúcho que foi morto a tiros em frente ao seu apartamento nos anos 80. O pai de Cecília seria o fictício Raul Matzenbacher, o principal acusado do assassinato. Inclusive para Cecília ele é o assassino, é como se a filha guardasse o segredo da ação ilícita do pai e o exílio nos Estados Unidos fosse consequência do episódio.

Além de saber do assassinato do pai, Cecília sabe da homossexualidade do irmão, da homossexualidade do deputado assassinado, do dia em que o irmão e o deputado (que no livro recebe o nome fictício de João Carlos Satti) saíram juntos, da música que Satti gostava de ouvir. Uma narradora-protagonista com foco total em relação ao passado, mas que em relação aos personagens do presente, sabe muito pouco e fica angustiada.

Por exemplo, Cecília vive na Califórnia e divide a casa e a vida com Jesse, músico de folk norte-americano, Bensimon, inclusive, criou uma *playlist* que deixou disponível em *streaming* de música com bandas que comporiam como a banda de Jesse. O namorado tem grande importância e peso emocional na vida de Cecília, ao menos é o que representa na parte inicial do livro:

“Na segunda semana sem Jesse eu tinha me tornado uma pessoa ainda mais desmotivada, tomada por aquele tipo de ansiedade paralisante que só deixa forças para olhar, como um rato de laboratório, as atualizações das redes sociais” (página 24)

Porém, Cecília não consegue desvendar o que Jesse sente ou pensa efetivamente. Além disso, neste ponto da narrativa, Cecília, além de lidar com a falta de Jesse que havia viajado para

realização de shows, é informada pelo irmão mais velho, Vinicius, que o pai havia sofrido um acidente vascular e estaria hospitalizado. Neste ponto também fica evidente o jogo narrativo criado por Carol, ora Cecília trata do presente nos Estados Unidos e ora do passado com os pais no Rio Grande do Sul. No momento que trata das memórias, Cecília faz o papel de onisciente em relação aos fatos narrados. No presente, com supracitado, Cecília sofre e não sabe como são as suas relações.

Interessante esse processo analítico da protagonista de saber do passado e tentar se entender no presente, sem a menor vontade de voltar ao Brasil. Como nos conta Cecília: “Eu penso em Porto Alegre o tempo todo, e já me parece mais do que suficiente ter que lidar com esses pequenos instantâneos.” (p. 37). Além de um aspecto que pode ser lido como psicanalítico, destaca-se o perfil etnógrafo desempenhado pela narradora ao nos apresentar a trajetória dos pais, desde quando se conheceram até o momento atual. Nesta apresentação, há análises do Brasil na região sul, da convivência e dos hábitos brasileiros, criados por um olhar distanciado.

“Raul Matzenbacher e João Carlos Satti faziam parte da mesma bancada. Mas, enquanto Satti era um progressista, possivelmente empolgado com a volta gradual ao regime democrático, meu pai era um conservador incrédulo. A colisão dessas duas trajetórias mostraria que o Brasil sempre mudava para, no fundo, continuar exatamente igual.” (Bensimon, 2022, página 46)

Reflexões como essa aparecem em alguns outros momentos da narrativa, possibilitando ao romance ser visto também como uma espécie de etnografia do Brasil, principalmente do Rio Grande do Sul e de como o Estado ajudou a recente escalada fascista brasileira. Aproxima-se também do trabalho do etnógrafo, posto que Cecília coloca-se no texto, possibilitando trocas entre analisar o outro (os familiares que seriam representantes dos gaúchos) e analisar a si, ou expor seus medos e pensamentos. Chega ao ponto de questionar o quanto ela não tem traços tanto do conservadorismo do pai, quanto de uma empolgação democrática burguesa, que não necessariamente aproxima-se das intenções populares.

Porém, Cecília é uma personagem, desta maneira, não poderia ser colocada como etnógrafa, a não ser que a autora a descrevesse de tal modo. Assim, inicia-se um processo de analisar o papel da autora, Carol Bensimon, como etnógrafa. Dois pontos são interessantes provocações para análise: as aproximações entre Cecília e Carol, em uma espécie de autoficção, as análises do Brasil contemporâneo que são despertadas pelo texto e a possibilidade de a autora realizar uma espécie de etnografia da bissexualidade. Além, o uso da língua, o domínio linguístico na língua materna e o uso de outras línguas.

2.1. Cecília e Carol: traços de autofuncionalidade

Cecília precisou ir embora do Brasil, para entender os pais, a língua que aprendeu com eles. Como destaca José Henrique Bortoluci (2023) “Só podemos falar nossa própria língua quando acertamos as contas com a língua dos nossos pais.” (p. 25). As marcas de individualidade no discurso aparecem quando Cecília consegue analisar o passado e tentar entender o que se tornou. Deste modo, pode-se dizer que o afastamento do dialeto familiar da Cecília encaminha ela a tornar-se outra. O que, de algum modo, também seria o objeto dos estudos etnográficos, no jogo de espelho, conseguir colocar discursos em enfrentamento e aproximações. Afastamento do Brasil para Cecília: traços de incomunicabilidade e impossibilidade de diálogo enquanto viveu no país.

Além da questão linguística, o uso da narrativa em primeira pessoa oferece uma ambiguidade quando a autora também é mulher e foi morar nos Estados Unidos. Há sutilezas nas conexões entre as duas: autora e personagem. A própria Bensimon fala sobre em algumas entrevistas:

Minha vida mudou muito nos últimos cinco anos e, por consequência, minha literatura. (...) Meu cotidiano virou do avesso, tenho uma sensação de que estou reaprendendo tudo, nada está dado. Gosto demais dessa sensação. O olhar se reconfigura, as coisas a serem percebidas ao redor são outras, e então a natureza começa a entrar com força nas minhas narrativas. Embora minhas histórias sejam muito calcadas na imaginação, sinto de algum modo, essas novas experiências, interesses e questionamentos estão no texto (Bensimon, 2022, p. 23)

Um outro aspecto seria a questão da bissexualidade, Bensimon, assim como Cecília, teria uma sexualidade fluída. A autora prefere não se definir como bissexual, opta por falar em escala Kinsey¹:

Na época do colégio, eu me considerava um 5. Aí acho que caí um pouco na escala, porque tive um relacionamento sério com um homem, mas hoje eu me vejo bem para o lado da homossexualidade extrema (Bensimon, 2022, p. 10).

E antes de prosseguir na questão da representação da bissexualidade no romance de Carol, cabe tratar dessa aproximação autora-obra. Lejeune (2014) defende que mais do que definições conceituais é preciso estabelecer que entre o autor e o leitor fica estabelecido, nas autoficcionalidades, um pacto, seja explícito ou implícito, por meio de indicadores presentes no texto. Sendo os referenciais as memórias e personalidades e indiretos os “fantasmas reveladores do indivíduo” (p. 73). Desta maneira, é possível ler a obra *Diorama* como limítrofe, enfatizada pela capacidade de Bensimon se deixar ser atravessada pela criação e personagem.

A antropóloga francesa Jeanne Favret-Saada (2005) define ser *afetado* como parte do processo da escrita etnográfica. Ou seja, o etnógrafo deveria ser tomado, atravessado pelo objeto. A “observação participante” torna-se mais do que ver e contar, mas sentir-se parte, modificado.

Do mesmo modo, a literatura proposta por Carol Bensimon é uma literatura da afetação, do contato e da possibilidade do encontro, ao menos o encontro com a própria autora. Mas, para além de um egocentrismo criativo, há o encontro com o outro, com um país visto por quem vive fora e uma representação de gênero e da bissexualidade. Neste último ponto, cabe um detalhamento maior, visto que é uma forma de contato entre Bensimon e a antropologia, a busca

¹ A escala Kinsey é creditada como uma das primeiras tentativas de reconhecer a diversidade e a fluidez do comportamento social humano. Usa uma escala iniciando em 0, com o significado de um comportamento exclusivamente heterossexual e terminando em 6, para um comportamento exclusivamente homossexual. (explicação disponível em <http://legis.senado.leg.br>, acessado em 28 de janeiro de 2024).

por criar personagens bissexuais emblemáticas das questões que envolvem tal sexualidade tão fronteiriça.

3. Conclusões

As memórias pessoais e as autonarrativas se tornaram estratégicas ao detonar questões que refutam a ordem estrutural do fazer literário. Se expandido para o campo da antropologia, ganha espaço como debate político dos produtores dos discursos. A aproximação entre antropologia e literatura, com a etnografia e as autoficções, demonstram as diversas possibilidades de análise de uma obra na contemporaneidade.

A partir de toda reflexão, cabe refletir sobre as potências tanto da literatura quanto da antropologia ao despertar o conhecimento do outro. E conseguir desvendar todos os aspectos intrínsecos e extrínsecos ao texto literário é uma tarefa árdua, que na maioria das vezes torna-se pequena perto de tudo que a obra teria a oferecer. Deste modo, sem dúvidas, há muito mais a ser lido em *Diorama* do que este resumo tentou desvendar.

Referências

BENSIMON, Carol. *Diorama*. São Paulo: Cia. Das letras, 2022

_____ Carol Bensimon ficionaliza crime que abalou Porto Alegre. Entrevista concedida a Stefania Chiarelli. *Jornal Estado de Minas*, 23/12/2022, páginas 22-23

_____ Como Carol Bensimon brilha com personagens fujões que exploram sua sexualidade. Entrevista concedida a Walter Porto. *Jornal Folha de São Paulo*, 16/09/2022, páginas 9-10

BORTOLUCI, José Henrique. *O que é meu*. São Paulo: ed. Fósforo, 2023.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp, Paralelo 15, 1998.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Organização e revisão de José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 2002.

COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins-fontes, 2003.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado” Tradução de Paula Siqueira. *Cadernos de Campo*, n.13, 2005

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo – corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto autobiográfico*. Minas Gerais, Ed. UFMG, 2014.

VANCE, Carole. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Revista Physis – revista de saúde coletiva*. V. 5. Número 1. 1995.